Além disso, o educador deve estar atento às oportunidades de aprendizado que surgem naturalmente durante as brincadeiras. Isso pode incluir a promoção do desenvolvimento social, emocional, cognitivo e motor das crianças, criando um ambiente que favoreça a experimentação, a descoberta e a resolução de problemas.
Em resumo, o educador desempenha um papel essencial na mediação das brincadeiras, sendo capaz de guiar, apoiar e enriquecer o ambiente lúdico sem ser intrusivo ou omissivo. Ao criar uma atmosfera propícia ao desenvolvimento infantil, o educador contribui para a formação de crianças autônomas, criativas e socialmente competentes. O equilíbrio entre intervenção e observação cuidadosa é fundamental para maximizar os benefícios educacionais das brincadeiras na infância.

O QUE É O BRINCAR HEURÍSTICO
Em 1987 Elinor Goldschimied desenvolveu uma pesquisa que chamou de Brincar Heurístico para a aprendizagem e desenvolvimento de crianças, em colaboração com educadoras de vários países. Este olhar deve-se ao ponto de vista em que a criança explore sua criatividade, se desenvolva e consiga se expressar por meio de brincadeiras.
A palavra “heurístico” vem do grego eurisko e significa descobrir, a criança começa a alcançar a compreensão de algo.
O foco do brincar está na descoberta que a criança consegue fazer e também na manipulação de objetos como sementes, caixas, tapetes de borracha, bolas de pingue-pongue, novelos de lã, etc. Em outras palavras, conforme Goldschmied e Jackson (2006), o brincar heurístico envolve oferecer a um grupo de crianças, uma grande quantidade de objetos para que elas brinquem, manipulem livremente sem a intervenção dos adultos, sendo eles pais ou educadoras.
Concluímos que o brincar heurístico com o uso do Cesto de Tesouros, possa nos oferecer uma experiência de aprendizagem ampla para os bebês que estão na fase de descobertas pelo mundo. Proporcionar o brincar heurístico em instituições infantis é buscar a resolução cuidadosa de pequenos detalhes, como: tempo, espaço, materiais adequados e gerenciamento. O papel do professor é o de organizador e mediador, e não o de iniciador. Os bebês brincarão com concentração e sem conflitos por longos períodos, desde que lhes sejam oferecidas quantidades generosas de objetos cuidadosamente selecionados, e organizados para tal brincadeira.
Que lugar ocupa a brincadeira livre na sala de aula na educação infantil? O que pensam os educadores a este respeito? Um rápido olhar sobre as salas de aulas de educação infantil e suas práticas pedagógicas, nos deixa um confronto com a realidade onde a brincadeira livre deixa de ser apenas para seu próprio aprendizado e passa a ser um abandono por parte das educadoras. O deixar a criança livre para brincar, não quer dizer deixar para lá, deixar com que ela se vire sozinha, mas sim é simplesmente obter um olhar voltado para que a criança tenha direitos de escolher e seu professor deve ser seu mediador, mas não a conduzindo diretamente.
A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA LIVRE
A brincadeira está intimamente ligada à aprendizagem, isto acontece, porque a criança não separa o momento de brincar do momento de aprender ou qualquer outro momento. Sua brincadeira é a sua aprendizagem, pois é no momento que ela brinca, que ela consegue absorver todo seu aprendizado de maneira prazerosa e isso fica gravado em sua memória.
É importante o cuidado de não confundir os momentos de brincadeiras exclusivamente como portadores de aprendizagens e planejar brincadeiras sempre com este intuito, a brincadeira deve ser livre, pois ela aprenderá por si só, isso acontece de maneira natural. Essa postura poderia causar um protecionismo excessivo do adulto ao orientar, e sempre estar conduzindo os momentos de brincadeira com um propósito específico, com objetivos marcados e cronometrados.
O homem não brinca mais, a criança pequena começa a fazer imitações do homem que não brinca mais e vai acabar sem nunca ter brincado, pois infelizmente nossa “época”, vamos chamar assim, as brincadeiras foram sendo deixadas de lado e substituídas por tecnologia, onde o jogo brinca ,e os movimentos são virtuais e não da própria criança .A criança só vê a mãe usando aparelhos elétricos, não vê a mãe sacudindo a roupa, cantarolar enquanto bate um bolo, até mesmo ir a lojas se tornou cansativo ,pois tudo é on line . A mãe e o pai

são portadores de aparelhos que precisam fazer tudo o mais rápido possível. Em vez do canto, da dança, o barulho dos motores domésticos. A grande variedade de objetos que podem fazer parte de um cexto de Tesouros significa que não há necessidade de incluir um objeto que produz ansiedade, curiosidade, conhecimento nas educadoras, em relação à sua segurança.

O prazer que provém das brincadeiras guarda o sentido do prazer pelo viver, ser, investigar, sentir, tocar, viver com o outro, vibrar com vitórias e enfrentar derrotas, enfim, de verdadeiramente fazer, brincar, ser livre.

A educação infantil se insere em um contexto histórico e social decorrente das mudanças produzidas pelo capitalismo industrial no século XIX, que passou a incorporar o trabalho feminino e da criança no sistema fabril. Embora, segundo Aranha (2006), no período anterior da Revolução Industrial e durante ela, a questão da educação já ocupasse o pensamento de grandes filósofos, que defenderam a importância da educação para todos os seres humanos. Portanto, Aranha (2006) fala da pouca discussão sobre a infância e sua educação, limitando a organização de um sistema de ensino e de propostas metodológicas para o ensino das crianças pequenas. Isso limitou as potencialidades e as oportunidades de desenvolvimento, comprometendo a visão educacional na infância e dos trabalhadores nesse nível educativo.

Por meio do brinquedo e brincadeiras a criança pode desenvolver a imaginação, confiança, autoestima, e a cooperação, no meio em que se insere.

O modo que a criança brinca mostra seu mundo interior, revela suas necessidades e isso permite a interação da criança com as outras crianças e a formação de sua personalidade. Para isso é necessário que as escolas de Educação Infantil proporcionem condições e promovam situações de atividades conforme as necessidades das crianças, oportunizando a estimulação para o seu desenvolvimento integral.

Por meio de diversos estudos realizados nos últimos anos sobre a criança, educadores sugerem que o brincar para ela é essencial, principalmente porque é assim que aprende, e sempre a brincadeira e o brinquedo estarão fortemente relacionados com a aprendizagem em si. As crianças até os três anos de idade, quando jogam, não percebem nessa ação qualquer diferença com o que os adultos consideram um trabalho. Vivem a fase que Piaget chamava de anomia e, dessa forma, não podem compreender regras. Assim adoram ajudar a mãe a varrer a casa ou fazer bolos, não porque exista valor ou utilidade nessas ações, mas porque são essas as atividades interessantes e divertidas. Essa forma de pensar, entretanto, modifica-se, e já a partir dos quatros a cinco anos é que buscam benefícios por meio do jogo, mesmo que estes sejam o elogio da sua ação.

Por meio das brincadeiras a criança acaba explorando o mundo a sua volta livremente, pois é a partir daí que ela constrói seu aprendizado, e é nesse espaço que a criança acaba criando um mundo de fantasias e manifesta seus sentimentos, se sentindo cada vez mais segura para interagir. É brincando também que a criança aprende a respeitar regras, a ampliar o seu relacionamento social e a respeitar a si mesmo e ao outro. Para realizar esse trabalho, contamos com uma bibliografia ampla, com leituras de livros, artigos, revistas e sites sobre o tema abordado, além de pesquisar grandes autores e pensadores. Desta forma poderemos evidenciar o quão as crianças aprendem brincando, pois, o mundo em que vive é descoberto por meio de jogos que vão dos mais fáceis até os mais variados. Os jogos para as crianças são uma preparação para a vida adulta, são por meio das brincadeiras, e seus movimentos e a interação com outras crianças e com os objetos, que elas vão desenvolver suas potencialidades. O jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou apenas como brincadeiras para distração, ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e a interação com amigos, jogos e brincadeiras trabalham de forma lúdica e estimula o raciocínio lógico da criança, eles funcionam como facilitadores na aprendizagem. Para compreensão e um maior aprofundamento sobre os estudos relativos aos jogos e brincadeiras e sua relação com o processo de aprendizagem e do desenvolvimento integral das crianças da Educação infantil.

A formação da criança era viabilizada por meio dos brinquedos e dos jogos que ela executava. Por meio das brincadeiras as crianças descobrem o mundo a sua volta, construindo a

sua própria realidade, dando-lhe um significado. Kishimoto (2010) considera que o brincar na Educação Infantil implica definir o se pensa da criança, que mesmo pequena sabe de muitas coisas, interage com pessoas, se expressa com gestos e olhares e mostra como é capaz de compreender o mundo. O brincar é uma ação livre que não exige como condição um produto. Piaget (1976) ao conceituar "o jogo como uma atividade que desenvolve o intelecto da criança" (p.139), constatou no decorrer dos seus estudos, que Por meio dos jogos a criança muda seu comportamento e exercita a sua autonomia, pois aprendem a julgar argumentar, a pensar, a chegar a um consenso.

O estudo que pretendemos realizar com este TCC é uma pesquisa bibliográfica, referente aos jogos e brincadeiras na Educação Infantil, trabalhando com a psicomotricidade, fundamentada nas reflexões de leituras de textos de autores diversos, e de livros, revistas, sites e arquivos. Teremos como instrumento de investigação, uma pesquisa quantitativa por meio de questionários investigativos com professores da Educação Infantil e observação dos alunos da educação infantil durante as brincadeiras. A infância realmente foi determinada pelas viabilidades dos adultos, modificando-se bastante ao longo da história. Até o século XII, as condições gerais de higiene e saúde eram muito precárias, o que tornava o índice de mortalidade infantil muito alto. Nesta época não se dava importância às crianças e com isso o índice de mortalidade só aumentava, pois não existia nenhuma preocupação com a higiene das crianças.

A valorização e o sentimento atribuídos à infância nem sempre existiram da forma como hoje são concebidas e difundidas, tendo sido modificadas a partir de mudanças econômicas e políticas da estrutura social. Percebe-se essas transformações em pinturas, diários de família, testamentos, igrejas e túmulos, o que demonstram que a família e escola nem sempre existiram da mesma forma.

A concepção de infância configura-se como um aspecto importante que aparece e que torna possível uma visão mais ampla, pois a ideia de infância não está unicamente ligada à faixa etária, a cronologia, a uma etapa psicológica ou ainda há um tempo linear, mas sim a uma ocorrência e a uma história. Neste sentido considerar a criança hoje como sujeito de direitos é o marco principal de toda mudança legal conquistada ao longo do tempo, porém antes dessa mudança podemos perceber que muitas coisas aconteceram, muitas lutas e desafios foram travadas no decorrer da história para que se chegasse a concepção atual, a criança deve brincar e expor seus sentimentos e prazeres Por meio de brincadeiras livres onde ela mesma possa se conduzir.

Cabe aos professores, em sua prática docente, propiciar situações de aprendizagem que levem ao desenvolvimento de habilidades e de conteúdos que possam responder às necessidades dos alunos ao meio social que habitam.

O grande número de brinquedos que são produzidos atualmente no mercado, sugere que há certa compreensão por parte dos adultos de que a brincadeira em si é importante para seus filhos, ou seja, as crianças em geral. O educador deve ser capaz de mediar sem ser intrusivo e de acompanhar sem ser omissivo ou indiferente, em todas essas 'organizações de brincadeiras ". o brincar heurístico deve sempre fazer parte da vida de nossas crianças, pois é nele que ela vai expor toda sua necessidade e sentimento.

O lúdico é tudo que traz diversão, que faz a pessoa se sentir bem, relaxar. Uma atividade de passeio com os filhos ou amigos é estar sendo lúdico. Para desenvolver-se o homem precisa do lúdico, pois traz prazer a vida e num mundo tão cheio de problemas como temos hoje, o lúdico deve fazer parte de nossas vidas diariamente. Há mais ou menos 300 a.c, já havia o lúdico nas atividades diárias do homem através dos jogos como na Grécia antiga com os jogos olímpicos. Atualmente as teorias do conhecimento na educação estão centradas na aprendizagem, na ação de aprender e de conhecer. Lúdico é muito importante na aprendizagem infantil, é através da brincadeira, estímulos necessários eficazes na construção do saber, necessários para o seu desenvolvimento motor e cognitivo. Conhecer tem por definição construir categorias de pensamento, não é possível a construção de categorias de pensamento como se elas existissem a priori, independentemente do sujeito que conhece. Somente é possível conhecer quando realmente se almeja, quando se quer, quando há um envolvimento total com o que aprendemos. No aprendizado, gostar é mais impor-

tante que criar hábitos de estudo. Nos dias de hoje as metodologias de aprendizagem, as linguagens e as línguas estrangeiras são mais valorizadas do que os próprios conteúdos de ensino. Valorizam-se mais a transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.

Em maio de 2019 já podemos observar o ápice do desenvolvimento na linguagem oral das crianças participantes no projeto. Com brinquedos sonoros de sucata a escola deu um pulo alto, pois crianças que só balbuciavam agora já falam palavras completas devido ao estímulo com cantigas e brinquedos sonoros. A partir destas estatísticas podemos ver como o lúdico trouxe grande relevância para o desenvolvimento do educando, desde que haja interação de todos do grupo escolar. Transformando o objeto do brincar em algo simbólico e cheio de subsídios para construção do conhecimento de forma agradável.

De acordo com Duprat (2015), professores relataram que muitos brincaram só com estes objetos de forma agradável e imaginaria. Garrafas amassadas viraram skates, caixas de papelão se transformaram em casinhas e muitos outros brinquedos construídos somente pelo faz de conta. Ao brincar com uma caixa de papelão e imaginar um carro, por exemplo, a criança relaciona-se com o significado e não com o concreto da caixa de papelão. A ludicidade é uma grande aliada para o desenvolvimento integral da criança, que merece atenção dos pais e dos educadores.

A criança age num mundo imaginário, onde o significado é estabelecido pela brincadeira e não pelo objeto real presente. O conhecer é de extrema importância, pois a educação se constitui a partir do conhecimento e este da atividade humana. Para renovar é preciso conhecer. A atividade humana é propositada, não está separada de um projeto. Conhecer não é somente adaptar-se ao mundo, é também uma condição de sobrevivência do ser humano e da espécie. A atividade lúdica integra os aspectos afetivos, cognitivos, motores e sociais. Fundamenta-se a necessidade de evidenciar como lúdica influência no processo de ensino-aprendizagem.

A brincadeira traz uma grande influência para o desenvolvimento infantil, pois ela colabora com a interação social onde a criança age e satisfaz os desejos e imaginação da criança no ato de brincar. Sendo assim, a educação é de total importância para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento. Todos os professores precisam ter absoluta clareza do que é aprender, do que é "aprender a aprender", para que se possa ter uma melhoria no ato de ensinar. Para os educadores, não basta apenas ter conhecimento de como se constrói o conhecimento, eles necessitam também saber o que é ensinar, o que é aprender e como aprender.

Na brincadeira a criança em simbologia, mas também tem regras de comportamentos condizentes com aquilo que está sendo representado e que fara que a criança internalize regras de conduta, valores, modo de agir e de pensar do seu grupo social que orientara e desenvolvera seu comportamento cognitivo. O brincar constitui o mais alto grau de desenvolvimento da criança durante esse período, porque é a manifestação espontânea, imediatamente provocada por uma necessidade do interior. São, também, modelo e reprodução da vida total, da intima e misteriosa vida da natureza no homem e em todas as coisas. Por isso engendra alegria, liberdade, satisfação e paz, harmonia com o mundo. Do jogo, emanam-se as fontes positivas, é assim também que as crianças se socializam e aprendem umas com as outras. Na infância, a fantasia, o faz de conta, o sonhar e o descobrir. Por meio das brincadeiras, a criança vai gradativamente e lentamente se adequando ao mundo.

De acordo com Duprat (2015), a criança que joga com tranquilidade, com atividade espontânea, resistindo a fadiga, chegara seguramente a ser um cidadão também ativo, resistente capaz de sacrificar-se pelo próprio bem e pelos demais. Existe nesse período a mais bela manifestação da vida infantil em que ela joga e se entrega inteiramente ao seu jogo, socializando e aprendendo juntas. Brincando a criança revela seu estado cognitivo, visual auditivo, tátil, motor enfim seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas coisas e

símbolos. Aprender não é o simples fato de acumular conhecimentos, todos nós aprendemos através de nossas próprias experiências vividas. Aprendem-se quando tem um projeto de vida, aprendemos em toda nossa existência, não existe um tempo próprio para aprender. É necessário que haja consciência de que precisamos de um tempo para aprender e para que nossas informações sejam sedimentadas. Não é possível injetar dados e informações no cérebro de ninguém, é preciso que se tenha vontade própria, exige-se também disciplina e dedicação.

Desconsideram-se o lúdico infantil como coisa frívola e sem interesse. Os educadores precisam intervir nos passatempos assim como os pais também devem observá-los e vigiá-los. Para um observador, verdadeiro conhecedor do coração humano, toda vida interior do homem do futuro está já presente no lúdico espontâneo e livre desse momento da infância, a qual é a fase mais importante da vida de cada criança. Através do brincar, é notável que o desenvolvimento é tanto qualitativo quanto quantitativo.

A mudança no vocabulário, novas habilidades, percebe-se a evolução e seu conhecimento. Através do brincar adquire equilíbrio emocional e mental. Brincando, trabalha-se a coordenação motora Grossa, assim evolui a capacidade de conquistar com êxito a motora fina. De acordo com Raul (2011), o lúdico e o brincar dessa idade são germes de toda a vida futura, porque ali se mostra e se desenvolve por inteiro em seus variados e delicados aspectos, em suas mais intimas qualidades. Toda a vida futura – até seus últimos passos sobre a terra – tem sua raiz nesse período, chamado de a primeira infância. Frequentemente os educadores não conseguem ver um sentido naquilo que estão ensinando e consequentemente os alunos também não veem sentido algum no que estão aprendendo. Em uma época de dúvidas, de perplexidades, de mudanças, esse profissional deve estabelecer sentido com seus alunos. O processo ensino/aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos para que dessa forma seja um processo verdadeiramente educativo.

A vida como algo invisível, comum ou superior a todos, desenvolve-se também, especialmente, sua vida na natureza, à qual atribui uma vida análoga a sua. E esse contato com a natureza, com o repouso e a claridade dos objetos naturais deve ser cultivado pela família, pela sociedade como um ponto importante na formação geral. Interessante atentar aos seus jogos, porque o passatempo, a princípio, não é outra coisa que vida natural, o contato com a natureza e objetos desenvolve na criança um aprendizado muito gratificante.

Para Duprat (2015), criança junta coisas semelhantes, separa as que não são não toma, nem aproveita a matéria tal como naturalmente vem; só o elaborado deve servir. Se a construção deve ser perfeita; necessário se faz que conheçamos não só o nome de cada material, mas também suas propriedades e seu uso, assim a criança vai aprendendo no dia a dia. Com certeza para o educador ter um bom êxito nessa sociedade aprendente, ele precisa ter clareza sobre o que é conhecer, como se conhece o que conhecer, porque conhecer e também a aprender para que não acumule seus conhecimentos, mas um dos segredos do chamado “bom professor” é trabalhar com prazer, gostando do que se faz. Somente é bem-sucedido na vida aquele que faz o que gosta. Com um melhor desenvolvimento do professor todos têm a ganhar, mas a melhor hora é em seu preparo profissional, ou seja, na ocasião de sua graduação, observando que nesse momento ele está aberto para o aprendizado, sendo essa a hora exata de aprender a lidar com seus alunos em uma sala de aula. O lúdico e as brincadeiras inseridas de forma planejada ou livre são de grande relevância para o desenvolvimento integral da criança e também para o processo de ensino e aprendizagem. Verificou-se que o lúdico e brincadeiras possibilitam à criança a oportunidade de realizar as mais diversas experiências e preparar-se para atingir novas em seu desenvolvimento. No entanto cabe à escola se atentar ao desenvolvimento e aprendizado dos alunos cumprindo a função integradora, oferecendo oportunidade para a criança desenvolver seu papel na sociedade, organizando e oferecendo momentos de total relevância para o crescimento social, intelectual e motor de cada criança, colaborando para uma socialização adequada, através de atividades em grupo, atividades recreativas e jogos de forma que capacite o relacionamento e a participação ativa da mesma caracterizando em cada uma o sentimento de sentir-se um ser social.

Para Duprat (2015), o objetivo era investigar qual a importância do lúdico e brincadeiras para Educação Infantil, e através desta pesquisa podemos perceber que é de extrema importância que a criança tenha a oportunidade de se desenvolver por meio do lúdico e brincadeiras, pois ambos proporcionam a ampliação das habilidades motoras, e também dos aspectos sociais e emocionais, então cabe também ao profissional da Educação Infantil a responsabilidade em proporcionar momentos bem planejados envolvendo jogos e brincadeira, atuando como organizador, participante e observador, dando a oportunidade para que a criança possa criar desenvolvendo sua autonomia, então neste sentido, a brincadeira da criança representa uma posição de privilégio para a análise do processo de construção do sujeito, pois brincando e aprendendo, quebrando as barreiras com o olhar tradicional de que está é uma atividade espontânea de satisfação de instintos infantis. O autor ainda fala da brincadeira como uma forma de expressão e adaptação do mundo das relações, das funções e das ações dos adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a brincadeira, a criança está imersa em um momento de exploração e expressão genuína, onde a preocupação com resultados imediatos é minimizada. O foco principal reside na experiência do presente, na interação com o ambiente e com outras crianças. Essa ausência de preocupação com resultados tangíveis permite que a criança explore sua criatividade de maneira livre e espontânea.
Ao brincar, as crianças desenvolvem habilidades sociais, emocionais e cognitivas sem a pressão de alcançar metas específicas. A brincadeira é um espaço onde a imaginação é estimulada, possibilitando que a criança experimente diferentes papéis, cenários e situações sem as restrições do mundo real.
Após a brincadeira, é possível observar os efeitos positivos desse momento lúdico na criança. A brincadeira contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional, promovendo a aprendizagem de maneira natural e prazerosa. Os resultados não são mensurados de forma convencional, mas sim refletidos na expressão de alegria, na interação social, na criatividade e na autoconfiança da criança.

A abordagem despreocupada com resultados durante a brincadeira é essencial para o desenvolvimento saudável da criança, proporcionando um ambiente onde a curiosidade é alimentada, as habilidades são aprimoradas e a aprendizagem ocorre de maneira orgânica e significativa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. O Jogo e a Educação Infantil.2º Ed.Petrópolis-RJ: Coleção de sala de aula,vol 15, vozes.2004.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação e da Pedagogia. Geral e Bil. São Paulo: Moderna, 2006.

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro. LTC, 1978.

ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC,1981.

BAQUERO, Ricardo. Vygotsky e a aprendizagem escolar. Porto Alegre:
Artes Médicas, 1998.

BARRETO, Ângela M. R. Situação atual da educação infantil no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Subsídios para o recenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1998.

BITTAR, M; SILVA, J.; MOTA, M. A.C. Formulação e implementação da política de educação infantil no Brasil. In: Educação infantil, política, formação e prática docente. Campo Grande, MS: UCDB, 2003.

BOMTEMPO, E. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação do imaginário. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. 1990.

BRASIL, MEC Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Brasília, 1998. v.3: Conhecimento do Mundo.

ARTES VISUAIS E A APLICAÇÃO DA ARTETERAPIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA DAS GRAÇAS FIDELIS DOS SANTOS

RESUMO
A Educação Infantil potencializa o desenvolvimento das crianças, especialmente quando integrada às Artes Visuais. Esta área de conhecimento utiliza uma variedade de linguagens, como pintura, desenho, modelagem e música, que não apenas enriquecem a experiência na Educação Infantil, mas também no Ensino Fundamental e na Educação Especial. A Educação Infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral das crianças, proporcionando as bases para a aprendizagem futura e o crescimento pessoal. As Artes Visuais permitem que as crianças explorem diferentes formas de expressão, desenvolvendo habilidades motoras finas através do manuseio de pincéis, lápis e materiais diversos. Além disso, as atividades artísticas incentivam a imaginação e a criatividade, ajudando as crianças a expressarem suas emoções e pensamentos de maneira única e pessoal. Além dos benefícios cognitivos, as atividades artísticas promovem a socialização e a cooperação entre as crianças. Trabalhos em grupo incentivam a troca de ideias e a colaboração, fortalecendo habilidades sociais como a empatia e o respeito pelo outro. As artes visuais, portanto, não apenas enriquecem a experiência educativa, mas também desempenham um papel vital na formação de indivíduos mais completos e preparados para os desafios futuros. Assim, este estudo visa discutir a aplicação da Arteterapia no desenvolvimento de estudantes com deficiência na Educação Infantil. A Arteterapia emprega atividades expressivas que promovem interação e consideram a aprendizagem, permitindo que o estudante desenvolva sua própria percepção de mundo, compreendendo e interagindo nas relações humanas e com o meio ambiente. Para estudantes com deficiência, a adoção de métodos adequados no processo educativo contribui significativamente para seu desenvolvimento integral, e a Arteterapia desempenha um papel crucial nesse aspecto.

Palavras-chave: Educação Infantil; Arteterapia; Inclusão.

ABSTRACT
Early Childhood Education enhances children's development, especially when integrated with Visual Arts. This area of knowledge uses a variety of languages, such as painting, drawing, modeling and music, which not only enrich the experience in Early Childhood Education, but also in Elementary Education and Special Education. Early Childhood Education plays a crucial role in the integral development of children, providing the foundations for future learning and personal growth. Visual Arts allow children to explore different forms of expression, developing fine motor skills through handling brushes, pencils and various materials. Additionally, artistic activities encourage imagination and creativity, helping children express their emotions and thoughts in unique and personal ways. In addition to the cognitive benefits, artistic activities promote socialization and cooperation among children. Group work encourages the exchange of ideas and collaboration, strengthening social skills such as empathy and respect for others. The visual arts, therefore, not only enrich the educational experience, but also play a vital role in forming more well-rounded individuals prepared for future challenges. Thus, this study aims to discuss the application of Art Therapy in the development of students with disabilities in Early Childhood Education. Art Therapy employs expressive activities that promote interaction and consider learning, allowing the student to develop their own perception of the world, understanding and interacting in human relationships and with the environment. For students with disabilities, the adoption of appropriate methods in the educational process contributes significantly to their integral development, and Art Therapy plays a crucial role in this aspect.

Keywords: Early Childhood Education; Art therapy; Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

É fundamental que o estudante com deficiência tenha suas particularidades respeitadas, sem que o professor ignore essas diferenças,

o que pode vir a se tornar uma problemática. Para isso, é necessário adotar abordagens diferenciadas tanto para esses estudantes quanto para os demais, visando não apenas a inclusão, mas também o desenvolvimento da autonomia individual.

Como justificativa, o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) desempenha um papel crucial nesse contexto, auxiliando o professor da sala regular com recursos pedagógicos diversificados, como a Arteterapia, que utiliza materiais e atividades lúdicas para estimular as crianças.

A Arteterapia promove o aprendizado ao encorajar ações criativas, permitindo que a criança desenvolva autonomia. Além disso, a Arte possui um caráter terapêutico, integrando aspectos psicopedagógicos e cognitivos, oferecendo novas significações para as ações individuais.

Este trabalho tem como objetivo geral discutir as contribuições da Arteterapia no processo de inclusão de estudantes com deficiência na Educação Infantil, transformando uma escola que antes era excludente e discriminatória em um ambiente inclusivo.

Os objetivos específicos incluem a análise da importância do desenvolvimento dos estudantes com deficiência, por meio de uma revisão de conceitos e práticas, com ênfase nas políticas que legitimam a Arteterapia como ferramenta educacional inclusiva.

A metodologia qualitativa foi escolhida para esta pesquisa, uma vez que permite explorar profundamente as contribuições da Arteterapia, considerando especialmente o papel do lúdico durante a Educação Infantil para crianças com deficiência, visando compreender suas dimensões e possibilidades.

2 DESENVOLVIMENTO

ENSINO DE ARTE

A Arte-educação, introduzida na Educação por volta de 1970 conforme Ana Mae Barbosa, trouxe uma abordagem que desafiou a visão tradicional de arte e educação. A Lei nº 9.394/1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), tornou o ensino de arte obrigatório no sistema educacional brasileiro, promovendo a expressão de ideias e estimulando a criatividade pessoal, conforme o Artigo 26, Parágrafo 2º.

A arte desempenha múltiplas funções no contexto educacional, abordando diversas questões desde as mudanças sociais até o impacto do capitalismo e do consumismo. No entanto, a falta de tempo para o lazer e a crescente dispersão da arte nas escolas têm limitado a liberdade de expressão das ideias.

Como consequência, novas ideias surgiram, mas sem o suporte necessário para promover melhorias na estrutura social. Essa realidade reflete-se na escassez de canais para expressar e desenvolver valores e emoções, vivências como danças, festas, artes e rituais foram substituídas por atividades não criativas e alienantes (DUARTE JUNIOR, 2007).

A Educação em Arte visa utilizar esta disciplina para a formação integral do ser humano, proporcionando-lhe um sentido de existência e enriquecendo sua percepção do mundo por meio das emoções pessoais e referências simbólicas como cultura, memória e criatividade. Com esse propósito, busca-se respeitar e valorizar a cultura herdada, ampliando os conhecimentos dos estudantes para que possam compreender e integrar-se de maneira significativa na mesma cultura.

Documentos históricos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte destacavam o desenvolvimento das potencialidades humanas como percepção, observação, imaginação e sensibilidade ao explorar a arte, influenciando profundamente sua visão de mundo (BRASIL, 2000).

Desse modo, a arte torna tangíveis as emoções humanas, enfatizando situações muitas vezes inexprimíveis em palavras, ao desafiar o indivíduo a reconsiderar sua compreensão e interpretação do ambiente ao seu redor. Segundo Duarte Junior (2007), a arte é uma ferramenta fundamental na educação, não se limitando à mera apreciação, mas integrando razão e emoção de forma intrínseca.

A Educação em Arte visa desfazer a concepção equivocada de que arte e educação são áreas separadas, oferecendo aos alunos o espaço e as ferramentas necessárias para explorar o mundo e suas diversas culturas, ideias e perspectivas. Seu ensino visa abstrair conteúdos muitas vezes subjetivos, como emoções e ideias, e expressá-los por meio de cores, pinturas, sons, gestos, entre outros (VILAÇA, 2014).

Historicamente, a arte foi frequentemente relegada ao papel de objeto de contemplação,

desconsiderando seu potencial como instrumento educacional sério e eficaz (BARBOSA, 2006).

Nos últimos anos, tem-se observado uma desvalorização dos conteúdos relacionados ao ensino de artes no ambiente escolar. A Medida Provisória nº 746/2016 propôs reformas no ensino médio, alterando a obrigatoriedade do ensino de arte nos anos finais, uma decisão que gerou críticas e resistência de alunos e professores.

Para o governo federal, o modelo educacional vigente é considerado obsoleto, o que culminou na desvalorização da própria arte, uma aliada potencial na educação. A educação, no entanto, deve abranger a formação integral do indivíduo, não se limitando apenas à transmissão de conhecimentos científicos, mas também cultivando a inteligência emocional e perceptiva que conduz à reflexão crítica (RESENDE, 2018).

O desenvolvimento das emoções deve ser integrado ao cotidiano escolar, sendo essencial para o progresso cognitivo dos estudantes e para o desenvolvimento de suas capacidades críticas e opinativas. A arte pode ser um método poderoso para engajar e inspirar os alunos, permitindo-lhes explorar temas controversos e questionar normas estabelecidas, ao mesmo tempo que os sensibiliza para a diversidade cultural e as expressões de diferentes lugares (VILAÇA, 2014).

Assim, a Educação em Arte deve promover a formação de indivíduos críticos, proporcionando-lhes oportunidades de interação e respeito às diversas culturas e perspectivas.

Os estudantes devem ser incentivados a pensar de forma crítica e criativa, compreendendo tanto seus direitos quanto seus deveres na sociedade e como podem contribuir para mudanças positivas. Para isso, os profissionais da área educacional não devem apenas ter uma visão pedagógica, mas também uma consciência holística sobre o papel da educação (SAVIANI, 2002).

Atualmente, o ensino da arte abrange quatro modalidades principais: artes visuais, música, dança e teatro, exigindo uma formação especializada dos professores. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representa um guia orientador que tem gerado muitas discussões, especialmente no que se refere ao ensino de arte e seu entrelaçamento com outras disciplinas, como línguas (PIMENTEL e MAGALHÃES, 2018).

Segundo esses pesquisadores, a integração dos diversos conhecimentos disciplinares, objetos de estudo, tecnologia e novas metodologias de ensino deve oferecer aos estudantes oportunidades significativas de desenvolvimento:

> Ao longo do Ensino Fundamental, os alunos devem expandir seu repertório e ampliar sua autonomia nas práticas artísticas, por meio da reflexão sensível, imaginativa e criativa sobre os conteúdos artísticos e seus elementos constitutivos e também sobre as experiências de pesquisa, intervenção e criação. [...] A progressão das aprendizagens não está proposta de forma linear, rígida ou cumulativa com relação a cada linguagem ou objeto de conhecimento, mas propõe um movimento no qual cada nova experiência se relaciona com as anteriores e as posteriores na aprendizagem de Arte (BRASIL, 2017, p.195).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) visa alinhar o ensino da arte com os referenciais propostos pelas escolas, determinando o que todos os alunos no Brasil devem aprender desde a educação infantil até o final do ensino médio (BRASIL, 2017).

Este documento representa uma oportunidade de transformação no ensino, não apenas integrando a arte como parte essencial do currículo, mas também desafiando o modelo existente ao afirmar que a arte não deve ser vista apenas como um adorno ou atividade festiva, mas como um conhecimento organizado e sistematizado que permite aos estudantes criarem e recriarem saberes artísticos e culturais (BRASIL, 2017).

SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL

No Brasil, a Educação Especial foi introduzida pela primeira vez na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961. Durante a década de 1970, foi estabelecido o CENESP, um órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC) responsável por centralizar as políticas educacionais, marcando o início de diversas mudanças e transformações no campo da educação especial.

O movimento ganhou força significativa com a Declaração de Salamanca de 1994, a Constituição de 1988 e a LDB de 1996, que reforça-

ram a importância da inclusão educacional de pessoas com deficiência.
A Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais realizada em Salamanca em 1994 foi um marco importante. O documento resultante da conferência enfatizou a necessidade de incluir pessoas com deficiência em escolas regulares, adotando uma pedagogia centrada nos alunos e destacando outros aspectos cruciais para o processo de inclusão.
Portanto, a discussão sobre inclusão no ambiente escolar abrange uma variedade de questões complexas e abrangentes. Não se limita apenas aos estudantes com deficiência, mas a todos os alunos envolvidos no processo educacional.
Apesar das legislações pertinentes, como observado por Nascimento (2014), muitas escolas ainda enfrentam desafios significativos para garantir uma educação inclusiva e de qualidade, o que exige transformações estruturais, didático-pedagógicas e um compromisso conjunto da comunidade escolar.
É essencial que as escolas promovam a autonomia dos estudantes com deficiência, proporcionando atividades educativas e lúdicas, como o ensino de arte, que facilitam a participação e a interação social. Além disso, é responsabilidade da escola, da equipe gestora e dos professores assegurar a acessibilidade aos recursos necessários para o desenvolvimento integral desses estudantes na sociedade atual (RESENDE, 2018).
É crucial no processo de inclusão que as escolas contem com a presença de profissionais especializados. Para aqueles que ainda não foram capacitados, é essencial que participem de formações continuadas. O objetivo primordial deve ser promover a autonomia dos estudantes, permitindo que eles se integrem plenamente na sociedade e se sintam acolhidos, o que tem um impacto significativo em suas vidas.
Infelizmente, muitas escolas enfrentam a realidade de salas inadequadas sem os equipamentos e recursos necessários. Mesmo com os recursos estão disponíveis, a falta de profissionais especializados para cuidar desses espaços é uma questão crítica (NASCIMENTO, 2014).
No que diz respeito aos professores, é fundamental que reflitam sobre suas práticas e explorem o uso do lúdico, especialmente em contextos que exigem estratégias facilitadoras para o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes. Um exemplo disso é a Arteterapia, que pode ser utilizada como uma ferramenta eficaz de desenvolvimento e ensino.
Fundamentado nesse ideal, um sistema de educação inclusivo deve efetivar:

O direito à educação; o direito à igualdade de oportunidades, o que não significa um "modo igual" de educar a todos e sim dar a cada um o que necessita, em função de suas características e necessidades individuais; escolas responsivas e de boa qualidade; o direito de aprendizagem; e o direito à participação (CARVALHO, 2009, p.81).

O USO DE DIFERENTES RECURSOS PEDAGÓGICOS: ARTETERAPIA

A Educação Especial tem ganhado destaque ao longo dos anos em vários países, incluindo o Brasil, com o objetivo central de proporcionar condições para que os estudantes com necessidades especiais se desenvolvam plenamente e alcancem autonomia. Diversas leis foram estabelecidas para garantir seus direitos (SOUZA e CARVALHO, 2013).
Além das leis, são necessárias outras ações para atingir esses objetivos, como a presença de professores especializados (AEE), o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), materiais específicos, salas de recursos multifuncionais e atividades direcionadas, entre outras práticas.
As TDIC foram desenvolvidas para facilitar o processo de inclusão, proporcionando um meio eficaz para desenvolver competências e habilidades dos estudantes, comparativamente aos métodos tradicionais.
Dentre as legislações relevantes, destaca-se a Portaria Normativa nº 13 de 24 de abril de 2007, que institui o Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais. Esta portaria, baseada no Artigo 61 do Decreto nº 5.296/2004, define recursos pedagógicos como:

Os materiais, os mobiliários, os espaços projetados, os equipamentos e a inserção da tecnologia adaptados e/ou projetados para esses educandos, considerando a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE),

em todos os Estados e Municípios, a fim de promover uma efetiva educação de qualidade (BRASIL, 2007, s/p.).

Aos professores cabe, entre outras responsabilidades, elaborar, produzir e organizar atividades, recursos pedagógicos e estratégias que considerem as necessidades específicas dos estudantes, especialmente aqueles com deficiências. Além disso, podem criar materiais e implementar diversas ações pedagógicas, como o uso da Arteterapia, visando promover as habilidades e a autonomia desses alunos.
No contexto da disciplina de Arte, e especificamente no que diz respeito à Arteterapia, trata-se de uma área de conhecimento que envolve expressões por meio da pintura, do desenho, da expressão corporal, buscando promover a integração global do indivíduo, desenvolvendo tanto aspectos cognitivos quanto afetivos em relação ao mundo ao seu redor (ARCURI, 2006).
No final da década de 1990, surgiram novas metodologias voltadas para o ensino de Arte, visando aprimorar o entendimento da disciplina como um todo. Essas abordagens visam aliviar questões emocionais e facilitar o aprendizado dos estudantes, incluindo terapias artísticas que são derivadas da saúde obtidas em clínicas ou atendimento clínico, com o objetivo de melhorar a comunicação, o autoconhecimento e a imaginação do paciente.
A Arteterapia tornou-se um método alternativo utilizado por estudantes com diferentes níveis de escolaridade, especialmente aqueles que possuem alguma deficiência.
Entretanto, segundo Bordin (2014), para aprofundar o entendimento sobre o tema, é necessário reexaminar a prática da Arteterapia. Como uma prática interdisciplinar, é crucial desenvolver os estudantes de maneira holística, integrando conhecimento e transformação pessoal.
Portanto, essa área de conhecimento pode ser vista como um tratamento que utiliza uma abordagem lúdica abrangente, aplicável em várias configurações e capaz de contribuir significativamente para o desenvolvimento humano. O cerne do ensino é formar indivíduos capazes de agir e transformar a sociedade, interagindo emocionalmente com os outros. Dentro desse contexto, a função da educação é desenvolver as habilidades dos estudantes para que possam interagir harmoniosamente com os outros na sociedade. A convivência social é uma habilidade fundamental que deve ser cultivada nas escolas, permitindo que os indivíduos se conheçam melhor e compreendam seus próprios limites (CARVALHO, 2009).
Nesse sentido, a Arteterapia pode oferecer diversas contribuições, pois seu objetivo é facilitar a compreensão mútua e a Para promover o processo educativo de maneira eficaz, é fundamental incentivar o autoconhecimento, gerenciar conscientemente nossos limites e possibilidades, e aceitar e respeitar as diversidades. Segundo Tommasi (2011), a partir do autoconhecimento, é possível estabelecer limites claros e cultivar o respeito pelas diferenças individuais.
Com essa compreensão, é viável fomentar interações entre pessoas de diversas origens étnicas, criando uma cultura que valorize o respeito às diferentes culturas.
A Arteterapia emerge como uma metodologia na qual os professores podem explorar suas próprias histórias e questões sociais, oferecendo aos estudantes oportunidades similares. O autoconhecimento também pode estimular a imaginação, o que é crucial em um período histórico que demanda criatividade em diversas profissões.
Conforme Santos (2000), desde os estágios iniciais do sistema educacional, é essencial proporcionar momentos de autoconhecimento e desenvolver a criatividade entre os estudantes, integrando esses aspectos ao processo de aprendizagem.
Nas escolas, a Arteterapia representa uma ferramenta valiosa em sala de aula. Professores com conhecimentos variados em terapia artística estão aptos a atender às necessidades dos estudantes, ajudando-os a se conhecerem melhor, a desenvolverem um pensamento crítico e a se socializarem.
Dessa forma, a Arteterapia se configura como um processo estruturado que organiza atividades artísticas previamente planejadas, considerando a faixa etária dos estudantes, seu acompanhamento e avaliação (BORDIN, 2014). A Arte, em sua totalidade, proporciona uma abordagem que não apenas responde aos problemas que os estudantes enfrentam, mas também oferece uma visão mais prazerosa da vida, promovendo descontração, confiança e liberdade por meio do aspecto lúdico.

A presença do lúdico abre caminho para um desenvolvimento criativo, permitindo que os estudantes explorem e desenvolvam todo o seu potencial expressão das emoções humanas (RESENDE, 2018).

Nesse sentido, a arteterapia tem se mostrado uma abordagem eficaz e enriquecedora para o desenvolvimento de estudantes com deficiência, oferecendo uma forma de expressão criativa que transcende as limitações tradicionais da comunicação verbal. Esta modalidade terapêutica utiliza diversas formas de arte, como pintura, desenho, modelagem e colagem, para ajudar os indivíduos a explorarem seus sentimentos, desenvolverem habilidades sociais e melhorarem seu bem-estar geral.

Um dos principais benefícios da arteterapia para estudantes com deficiência é a possibilidade de expressarem suas emoções e pensamentos de maneira não verbal. Muitas vezes, esses estudantes enfrentam desafios significativos na comunicação convencional, e a arte proporciona um meio alternativo para se expressarem de forma clara e significativa (CARVALHO, 2009).

Ao envolver-se em atividades artísticas, eles podem externalizar suas experiências internas, o que pode ser particularmente útil para aqueles com dificuldades de fala ou linguagem, de acordo com Tommasi (2011).

Além de facilitar a expressão emocional, a arteterapia também promove o desenvolvimento de habilidades motoras finas e a coordenação motora. Ao manipular diferentes materiais e ferramentas, os estudantes aprimoram sua destreza manual e a coordenação olho-mão, habilidades que são cruciais para a execução de diversas atividades cotidianas e acadêmicas.

Esse desenvolvimento é especialmente benéfico para estudantes com deficiências físicas ou motoras, oferecendo uma forma prática de melhorar suas capacidades funcionais.

A arteterapia também desempenha um papel importante no fortalecimento da autoestima e da autoconfiança dos estudantes com deficiência. A criação artística é um processo que permite a exploração e a realização pessoal, proporcionando um senso de conquista e satisfação. Quando os estudantes veem seus trabalhos concluídos e recebem reconhecimento positivo por suas criações, isso pode contribuir significativamente para uma imagem pessoal mais positiva e um aumento da autovalorização (SOUZA e CARVALHO, 2013).

Socialmente, a arteterapia promove a interação e a colaboração entre os estudantes. As atividades em grupo incentivam o trabalho em equipe, a troca de ideias e o respeito mútuo. Essa dinâmica é vital para o desenvolvimento de habilidades sociais, especialmente para aqueles que podem se sentir isolados ou excluídos devido às suas deficiências. Participar de sessões de arteterapia em grupo pode ajudar esses estudantes a desenvolverem amizades e a sentirem-se parte integrante da comunidade escolar (NASCIMENTO, 2014).

Além disso, a arteterapia pode ser adaptada para atender às necessidades individuais de cada estudante, independentemente do tipo ou grau de deficiência. Os terapeutas podem personalizar as atividades para se alinhar às habilidades, interesses e objetivos específicos de cada aluno, garantindo uma abordagem inclusiva e eficaz.

Essa flexibilidade torna a arteterapia uma ferramenta valiosa no ambiente educacional, capaz de atender a uma ampla gama de necessidades e promover o desenvolvimento integral dos estudantes (RESENDE, 2018).

Em resumo, a arteterapia oferece inúmeros benefícios para estudantes com deficiência, desde a melhoria da comunicação e das habilidades motoras até o fortalecimento da autoestima e das habilidades sociais. Ao proporcionar um meio de expressão criativa e adaptável, a arteterapia contribui significativamente para o desenvolvimento pessoal e acadêmico desses estudantes, promovendo uma educação mais inclusiva e enriquecedora.

3 CONCLUSÃO

O ambiente escolar deve ser acolhedor, permitindo que todos os estudantes se sintam incluídos e convivam em um espaço que promova o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, preparando-os para a vida em sociedade. A escola desempenha um papel fundamental como principal espaço social em que as crianças aprendem a interagir, independentemente de suas condições físicas ou intelectuais.

A Arteterapia, como área de conhecimento, emerge como uma forma eficaz de desenvolver os educandos com necessidades educacionais especiais, facilitando a conquista da

autonomia. As experiências proporcionadas pela Arte ajudam a desenvolver competências como criatividade, abertura ao novo e resgate da cidadania, entre outras habilidades essenciais.
Dessa maneira, a Arteterapia combate à exclusão, rejeição, isolamento, preconceito e baixa autoestima. Ela também facilita a interação tanto com aqueles que compartilham características e necessidades similares quanto com aqueles que não compartilham.

REFERÊNCIAS

ARCURI, I. G. (org.). Arteterapia: um novo campo do conhecimento. São Paulo: Vector, 2006.

BARBOSA, A.M. Arte-Educação no Brasil. 5. ed - São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORDIN, V. et al. Arteterapia em Saúde Mental. 6º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais e 2º Seminário de Direitos Humanos. 2014. Toledo. Arteterapia em Saúde Mental. Disponível em: . Acesso em: 12 jun. 2024.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental. Caracterização da área de arte. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Cap.1, p. 19-43

BRASIL. Portaria normativa nº 13. Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais. Brasília: MEC. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=-com_content&view=article&id=17430&Itemid=817>. Acesso em: 12 jun. 2024.

CARVALHO, R.E. Educação Inclusiva: com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2009.

DUARTE JUNIOR, J.F. Por que arte-educação?. 6.ed.- Campinas, SP: Papirus, 2007.

NASCIMENTO. L.B.P. A importância da inclusão escolar desde a educação infantil. 2014. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Departamento de Educação – Faculdade Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

PIMENTEL, L.; MAGALHÃES, A.D.T.V. Docência em Arte no contexto da BNCC: É preciso reinventar o ensino/aprendizagem em Arte? 225 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 220-231, maio/ago. 2018. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/gearte. Acesso em: 12 nov. 2022.

RESENDE, D.C.P. A importância da Ludicidade na Educação Especial Inclusiva. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 2018.

SANTOS, M.P. Educação Inclusiva e a Declaração de Salamanca: Consequências ao Sistema Educacional Brasileiro. In Revista Integração, 2000, nº 22, MEC. Secretaria de Educação Especial.

SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 14.ed.- Campinas, SP: Autores Associados: 2002.

SOUZA, C.F.S.; CARVALHO, N.D. Arteterapia e Inclusão da pessoa com deficiência intelectual: tecendo relações. VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil, Educação e Contemporaneidade, 2013, 11 p. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10342/13/12.pdf. Acesso em: 12 nov. 2022.

TOMMASI, S.B.(org.). Arteterapeuta: um cuidador da psique. 1ªed.: São Paulo, 2011.

VILAÇA, I.C. Arte-Educação: a arte como metodologia educativa. Cairu em Revista, nº 04, Jul/Ago, 2014. Disponível em: . Acesso em: 12 jun. 2024.